

Nome: JAYSE ANTONIO DA SILVA FERREIRA

Informações da Escola:

Nome da Escola: Escola de Referência em Ensino Médio Frei Orlando

Cidade: Itambé

UF: PE

Informações do Projeto:

Categoria: (TEMA LIVRE) Ensino Médio

Projeto: EU SOU UMA OBRA DE ARTE: ETNIAS DO MUNDO

RESUMO: Segundo Kabengele Munanga “todos nós, homens e mulheres, somos feitos de diversidade” e é na escola que ela aparece, e como toda diversidade surgem os problemas de aceitação. Conceituar cultura não é fácil, mas compreender sua origem, princípios e manifestações são motivos para retirar do isolamento, grupos que se sentem marginalizados e é nesse contexto que a arte fotográfica tenta mostrar ao mundo, através das lentes, que o conhecimento da cultura de um povo contribui com a formação da identidade cidadã, inserindo o homem na sociedade. Procurando valorizar e resgatar o orgulho da origem de sua raça, o projeto Eu sou uma obra de arte: Etnias do Mundo, da Escola de Referência em Ensino Médio Frei Orlando promoveu uma exposição fotográfica com 20 etnias reconhecíveis em nosso ambiente escolar. Negros, brancos, pardos, ruivos, índios, todos tiveram a oportunidade de serem fotografados e apreciados de maneira digna e igualitária desmistificando a crença de que uma raça é mais bonita ou mais importante que outra. Depois de meses de pesquisas, debates e análises das diferentes etnias, os alunos foram produzidos e fotografados segundo a etnia que suas características fisionômicas os habilitavam. Alcançamos inúmeros resultados com este projeto, desde a autovalorização de alunos que se sentiam inferiores, a participação maciça da comunidade escolar. O projeto foi responsável, em parte, pela diminuição da evasão escolar, uma vez que esses alunos se sentiram acolhidos e respeitados, o que proporcionou um ambiente mais atrativo e favorável à aprendizagem. Os frutos desse projeto ainda serão colhidos por muito tempo. Irmãos menores de nossos educandos já estão pedindo aos seus pais que reservem vagas para eles na escola, pois querem estudar numa escola que os transformam em obras de arte.

JUSTIFICATIVA: As primeiras propostas para o projeto “ Eu Sou uma Obra de Arte” surgiram através da experiência de muitos anos como professor de Arte de adolescentes, em sua maioria socialmente desprivilegiados e fora dos padrões europeus de beleza estabelecidos socialmente. Essa realidade me mostrava como esses jovens se sentiam

menosprezados e como sua estima se encontrava baixa. Uma situação, em particular, fez-me instituir as diretrizes norteadoras que realmente queria que o projeto privilegiasse. Uma discussão em sala de aula me chamou bastante atenção, os alunos problematizavam o fato de encontrarem dificuldades em responder o questionário socioeconômico do Enem, na questão que versava sobre como eles se consideravam, brancos, negros, pardos ou mestiços. Dentro desse contexto, observei que a dificuldade não estava em marcar uma alternativa, ou em se colocar nessa ou naquela categoria, mas em reconhecerem-se especialmente como negros, pardos ou mestiços, já que o preconceito de cor ou raça no Brasil seria no fundo raças socialmente marginalizadas. Os alunos mostraram que existe muita insatisfação com estas categorias. Uma boa parte dos discentes não se identifica e não gosta de alguns destes termos, pois estariam ligadas à diferenças importantes de condições de vida, oportunidade e eventuais problemas de discriminação e preconceito. Socializando minhas observações com a professora de biologia Viviane Menezes, sobre o fato relatado, em uma tentativa de orientá-los neste quesito de raça ou cor, levamos em consideração esses diversos questionamentos, e começamos a introduzir de forma sistemática a variável de origem nos estudos sobre a população brasileira. E, com vistas, a identificar a visão geral do colegiado estudantil e examinar a pertinência ou aceitação de seus traços étnicos, elaboramos um conjunto de questões e aplicamos através de uma pesquisa, com cerca de 340 alunos de 14 a 18 anos de idade, dos 1ºs, 2ºs e 3ºs anos do ensino médio da nossa escola. O objetivo seria comparar as respostas à pergunta tradicional sobre cor, como também sobre a ocorrência de bullying, de preconceito racial e sobre a crença de uma raça ou cultura ser superior à outra, o que permitiria examinar em que medida estas categorias correspondem, ou não, à forma pela qual os alunos se veem. Em face às políticas de valorização e de respeito à diversidade étnica cultural e como uma forma de combate ao bullying e de elevar a autoestima dos aprendizes foi decidido que o Projeto Eu sou uma Obra de Arte, deste ano, teria como tema: “Etnias do Mundo” surgindo com ele a possibilidade de trazer a imagem do ser humano, retratando sua origem étnica, oportunizando a valorização dos vários tipos de beleza, desmitificando assim o velho paradigma de que só é belo(a) aquele(a) que é branco(a), alto(a), de olhos claros e cabelos lisos. Para isso, seriam retratados, através de uma mostra fotográfica os alunos que apresentavam algum traço fisionômico que remetesse a outras etnias diferentes da brasileira.

CONTEXTO: A Escola de Referência em Ensino Médio Frei Orlando, encontra-se localizada na Zona da Mata de Pernambuco, na cidade de Itambé, à rua Ademar Correia de Melo, nº226 ,no bairro Planalto, área periférica da cidade. A unidade de ensino é classificada de grande porte. Tem 52 anos de fundação, mas há 4 anos ela tornou-se referência em Ensino Médio. Em seu espaço físico ela dispõe de uma biblioteca, uma quadra de esportes e um refeitório. Apesar de um grande espaço físico suas instalações são modestas e ao longo dos anos, vem tentando se modernizar para melhor atender a

grande demanda de alunos locais e oriundos de cidades e estado vizinho, já que sua localização geográfica faz fronteira com Pedras de Fogo pertencente ao estado da Paraíba. Em suas 10 salas de aula estão quatro 1ºs anos, três 2ºs anos e três 3ºs anos, totalizando assim, 340 alunos, os quais estudam em regime integral. As turmas são compostas, em média, por 35 alunos vindos de escolas particulares e públicas. Os mesmos demonstram níveis de aprendizagem diversificados, mas se mostram muito participativos e abertos às iniciativas pedagógicas inovadoras, o que facilitou o desenvolvimento do projeto. Um ponto positivo da nossa escola é que cada disciplina/professor contém uma sala de aula própria onde os alunos é que se deslocam para assistirem as aulas. Este sistema viabiliza despertar no educando a responsabilidade e autodisciplina como prega o protagonismo juvenil descrito no Projeto Político Pedagógico da instituição. No que diz respeito à participação efetiva dos pais na escola, ainda não acontece de maneira satisfatória, pois uma pequena parte só se faz presente nas reuniões de pais e mestres.

OBJETIVOS: Tendo em vista o que diz os PCNs de Arte para o Ensino Médio no que se refere ao respeito às diversidades das manifestações artísticas em suas múltiplas funções, identificamos, relacionamos e compreendemos a arte como fato histórico contextualizado nas diversas culturas, o que nos levou a fomentar uma reflexão sobre a importância da valorização das raízes de um povo, no sentido da afirmação de sua identidade despertando com isso, o sentimento de pertinência a sua origem étnico-racial. Dentro desse contexto, buscamos enfatizar através da arte fotográfica a importância da memória cultural de um povo trazendo para esses jovens o orgulho de seus traços fisionômicos tornando-os disseminadores da valorização e do respeito dessa diversidade. Pois: Educar para os direitos humanos, como parte do direito à educação, significa fomentar processos que contribuam para a construção da cidadania, do conhecimento dos direitos fundamentais, do respeito à pluralidade e à diversidade de nacionalidade, etnia, gênero, classe social, cultura, crença religiosa, orientação sexual e opção política, ou qualquer outra diferença, combatendo e eliminando toda forma de discriminação. (Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, página 165). Logo, verificamos que o ensino baseado no respeito à pluralidade e a diversidade deva estar pautado em práticas que busquem desenvolver, nos aprendizes contemporâneos uma nova maneira de pensar, agir e se relacionar. Dessa maneira, trabalhar igualmente essas diferenças não é uma tarefa fácil para nós professores, por que lidar com elas é necessário ter em mente como a diversidade se manifesta e em que contexto. Pensar uma forma que integra a valorização étnico-racial significa progredir na discussão a respeito das desigualdades sociais, das diferenças raciais e no direito de ser diferente. Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (1999, pág. 152) assegura que: A educação escolar, comprometida com a igualdade de acesso ao conhecimento a todos e especialmente empenhada em garantir esse acesso aos grupos da população em desvantagem na sociedade, é uma educação com qualidade social e

contribui para dirimir as desigualdades.(Diretrizes Curriculares Nacionais Ensino Médio 152) Assim, a maneira que encontramos para diminuir os estigmas e as desigualdades dos grupos que se apresentavam em situação de exclusão no ambiente escolar, foi desmistificar por meio da arte fotográfica a ideia de um padrão de beleza que só abrangeria os de pele branca, cabelos lisos e olhos claros, através de pesquisas de várias etnias do mundo, dando destaque àquelas que poderiam ser encontradas em nossa escola, o que atenderia aos pressupostos expressos no nosso PPP que assegura o respeito ao patrimônio das culturas, bem como a sua afirmação, com o objetivo de promover a aceitação da diversidade e favorecer a construção de um ambiente harmonioso que valorize a pluralidade cultural.

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO: Tendo como norte a questão étnica-racial levantada nas aulas de Arte a respeito do preenchimento do formulário sócio econômico do ENEM, surgiu a ideia de traçar um plano de ação que pudesse ser aplicado nas minhas aulas. Pesquisando na internet descobri um livro de fotografias intitulado: Face a face, uma jornada por povos do mundo, do fotógrafo Alejandro Szanto de Toledo da USP. O livro retratava diversos povos dos cinco continentes, ressaltando sua cultura e costumes. Logo, tratei de comprá-lo. Era o que faltava para dar o pontapé inicial do projeto. Com o livro em mãos, fui observando os 340 alunos da escola procurando neles alguns traços fisionômicos que se assemelhassem com os povos retratados no livro. Os materiais utilizados no projeto foram: Questionário (anexo 1) Livro de fotografias; (anexo 2) Pesquisas na internet; Máquina fotográfica; Foi aplicada uma pesquisa sobre como eles se consideravam etnicamente e se já tinham sofrido bullying por conta de sua cor e traços fisionômicos, o mesmo foi aplicado pelas alunas do 3º ano sobre a coordenação da professora de biologia e, em seguida fizeram o levantamento dos dados coletados. (anexo 3) Os alunos que se assemelhavam com as etnias previamente identificadas no livro foram reunidos na biblioteca da escola para combinarmos onde, quando e como se daria todo o processo de fotografia de cada um. Na ocasião foram indagados se gostariam de serem fotografados e se estariam de acordo. Aqueles que aceitassem de imediato já levariam para os pais um termo para que eles autorizassem o uso da sua imagem já que os mesmos eram menores de 18 anos.

DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA: Inicialmente, reunimos todos os alunos na biblioteca da escola para que eles tomassem conhecimento do projeto e de seus principais objetivos: • Enfatizar através da arte fotográfica a importância da memória cultural de um povo, trazendo para esses jovens o orgulho de suas raízes culturais e tornando-os disseminadores da valorização da diversidade. • Promover uma reflexão sobre a importância das raízes culturais de um povo, no sentido da afirmação de sua identidade e pertinência a sua região cultural. Através de uma troca construtiva de ideias os alunos também puderam opinar para incrementar a execução proposta apresentada. Como no ano passado eu já tinha realizado um projeto de fotografias que visava

descobrir sócias de artistas ou famosos em nossa escola, não foi difícil encorajá-los a participar. Através das imagens do livro procurei mostrá-los que todos poderiam participar, pois no mundo inteiro há pessoas de todas as formas físicas: altas, baixas, negras, brancas, gordas, e que isto não seria empecilho algum para aqueles que não se encaixavam no padrão de beleza. O livro teve um papel muito importante, pois retratava os povos de uma forma bela independente da etnia ou da classe social. (anexo 2) Eles ficaram encantados com a possibilidade de serem reproduzidos tão primorosamente quanto as fotos do livro. Uma aluna do 1º Ano D, Maria Heloíza disse: “professor, por que o senhor me escolheu? Eu sou nega do cabelo rim, acho que não vai ficar legal! Eu não sou bonita!” Logo procurei mostrá-la que ser negra do cabelo crespo não era vergonhoso, essa era uma característica da sua etnia a qual é digna de ser exaltada como as demais. A foto final dessa aluna se tornou uma das mais belas do projeto, inclusive foi a capa da reportagem publicada no site da Secretaria de Educação de Pernambuco (anexo 4).

METODOLOGIA: O projeto teve início no mês de maio com a elaboração e aplicação do questionário com alguns alunos da escola a respeito da sua raça/etnia. Dos 340 alunos da escola, fizeram parte da amostragem cerca de 258. Verificamos que 25 deles consideravam-se negros, 53 brancos, 177 pardos ou mestiços e 3 indígenas. Embora mais de 90% dos alunos não acreditem que uma raça seja superior a outra, um fator preocupante é que 57% dos educandos tenham sofrido alguma forma de bullying por causa dessa pluralidade étnica. De posse desses dados, que demonstraram que mais da metade de nossos educandos sofriam alguma forma de preconceito decorrente de seus traços fisionômicos, deparamo-nos com o nosso primeiro desafio: como reverter este quadro alarmante de intolerância e desvalorização das diferenças? A solução encontrada foi promover um grande evento que destacasse e valorizasse todo tipo de etnia presente em nossa escola. Uma grande exposição fotográfica onde esses alunos pudessem ser o centro das atenções. Ou como o próprio título do projeto diz, ser uma obra de arte! O passo seguinte foi a análise minuciosa do livro fotográfico, adquirido exclusivamente para esta finalidade. A cada página que folheávamos iam surgindo ideias de qual aluno poderia representar determinada etnia. De posse do livro fui de sala em sala perguntando se esse determinado aluno(a) aceitaria ser fotografado, tal qual a foto do livro. Os demais colegas de sala incentivaram os mesmos a aceitarem, pois concordavam que ele ou ela tinham mesmo semelhanças físicas com a fotografia. Logo, surgiu a ideia de que na classe onde houvesse alunos selecionados eles pesquisariam sobre o povo que o aluno iria retratar. E assim foi feito. Todas as dez turmas participaram da pesquisa das 20 etnias contempladas pelo projeto. São elas: Alemanha, Itália (terra dos vinhos), Rússia (balé russo), Jordânia (uso da burca), Namíbia (mulheres da pele vermelha), Tailândia (mulheres do pescoço de girafa), Guatemala, China (teatro chinês), Havaí (dança Hula), Polo Norte (esquimós), Israel (Jerusalém: muro das lamentações), Tibet (monges), Peru (Cusco), Marrocos (os tuaregues), Brasil,

Índia, EUA (comunidade indígena Galuppe), Nova Guiné, Etiópia (tribo do Rio Omo) e Escócia (terra dos castelos). Para o desenvolvimento das propostas do projeto contamos com várias pesquisas que visavam a identificação das principais características étnicas que foram previamente elegidas como aquelas presentes no espaço escolar. Os alunos passaram a observar com maior rigor os traços fisionômicos que marcam a identidade de determinado povo (nariz, olhos, boca, formato do rosto, tons de pele, etc.). Logo perceberam que a formação da pluralidade étnica-racial brasileira não se resume, apenas, negros, brancos, índios e pardos. Começaram a reconhecer, em seu meio, pessoas que detinham fortes traços de determinada cultura. Em cada encontro houve muitas discussões, debates, leituras e análises de fotografias que o livro não contemplava. Também houve exposições de filmes (anexo 5) para mostrar de maneira mais real os costumes, a cultura e a forma de viver e de se vestir das etnias estudadas. Por conseguinte, nos reunimos para planejarmos como seria feita a execução das fotos e para elencar os materiais que seriam necessários para conseguir o efeito desejado. Atendendo aos objetivos do PPP de nossa unidade de ensino, procuramos estimular através de ações dentro de nosso projeto a participação da comunidade nos trabalhos como forma de tornar o espaço escolar mais democrático, aberto e participativo. Dentro desse contexto, surgiu a ideia de estabelecermos algumas parcerias com profissionais locais que nos ajudariam na maquiagem e na fotografia. Não foi difícil conseguirmos tais parcerias, visto que os próprios alunos foram sugerindo o nome de pessoas de sua família para serem voluntários. Em seguida, com os nomes já determinados, fizemos o convite ao fotógrafo Laétte Neto, tio da aluna Maria Clara do 1ª Ano A, o qual estendeu o convite a sua equipe de trabalho, a maquiadora Sayury Matsubara e o personal Stylist Lázaro Fernando que cuidou de parte do figurino dos alunos. No encontro seguinte, o fotógrafo deu uma breve orientação sobre luz, enquadramento e outras técnicas usadas para uma boa fotografia ampliando assim o conhecimento dos alunos sobre essa arte. Mesmo contando com o apoio dos profissionais voluntários tivemos alguns percalços, a exemplo dos figurinos, pois em algumas roupas, na maioria das vezes, tivemos que adaptar grampeando, colando pedaços de tecidos para compor determinados figurinos, mas com muita criatividade conseguimos superá-los. A maioria dos alunos do projeto não tinha condições financeiras de arcar com as despesas de seu figurino, mas de forma solidária foi arrecadado com os professores a quantia suficiente para pagar o tecido e a costura de alguns. Vendo as dificuldades para confeccionar os figurinos, a professora de geografia Fabíola Romão sugeriu que fôssemos ao comércio local (lojas, boutiques, armarinhos), convidá-los a participarem do projeto como parceiros. Esses estabelecimentos entrariam com o empréstimo de seus acessórios variados e em troca divulgaríamos o nome da loja. (anexo 6) Com os acessórios e figurinos organizados, começamos as sessões fotográficas. De início, utilizamos o espaço de nossa escola como cenário de algumas fotos (anexo 7), mas logo percebemos que em outras era necessário um cenário diferenciado, que fosse característico da etnia retratada. Como exemplo o Havaí que

deveria ter como cenário uma praia, o mesmo aconteceu com Marrocos que tem como plano de fundo um deserto. Para atender a essas necessidades escolhemos alguns locais que poderiam nos servir de cenário apropriado para o que queríamos retratar e que também, fossem próximos a nossa cidade, já que não dispúnhamos de recursos financeiros suficientes para arcar com as despesas de longas viagens. Para contornar essa problemática, mais uma vez contamos com o apoio incondicional dos demais professores que se dispuseram em levar alguns alunos em seus próprios carros. Com isso pudemos fazer uma programação de viagens (anexo 8) com os seguintes destinos: Recife, João Pessoa, Praia de Pitimbu e Pedra do Ingá (anexo 9). Os alunos ficaram encantados e entusiasmados com a possibilidade de viajarem e conhecerem novos lugares. Quando estávamos prestes a concluir o processo fotográfico, veio em mente, a ideia de fazer um vídeo para circular nas redes sociais convidando as pessoas da nossa cidade para prestigiarem a exposição do projeto. Ao compartilhar esta ideia com nossos alunos, descobrimos que o tio da aluna Layla Rodrigues do 1º Ano B, trabalhava com filmagens e ela achava que ele aceitaria participar do projeto. Logo, tratei de entrar em contato com ele que aceitou prontamente o convite dispensando o pagamento de seus serviços. Na semana seguinte, já iniciamos as gravações que exigiu, mais uma vez, a caracterização de todos (anexo 10). As filmagens, apesar de curtas, levaram cerca de dois encontros para serem concluídas. O passo seguinte foi a inserção do áudio que relatava as principais características dos países. Para isso, ficou encarregada a aluna Viviane Andrade do 3º Ano C, portadora de uma excelente dicção para fazer a gravação que durou cerca de trinta segundos por etnia, totalizando dez minutos (anexo 11). Com esse material em mãos, lançamos o teaser (pequeno comercial) nas redes sociais. O mesmo teve uma grande repercussão e em menos de uma semana foi compartilhado e visualizado por mais de 900 pessoas (anexo 12). Com o enorme sucesso do comercial aumentou a ansiedade dos alunos que, até então, não tinham visto as fotos impressas e o vídeo pronto. Por conseguinte, elaboramos um convite que refletisse a temática do evento. Ele apresentava a parte externa toda de madeira de compensado, com inscrições feitas com a técnica da pirografia (máquina que queima a madeira), aprendidas em aulas anteriores, e ao ser aberto via-se dentro uma impressão em papel cartão, com as informações do evento que foram entregues nas escolas da cidade e da cidade vizinha (anexo 13). Um dia antes da exposição, reuni os alunos e mostrei-lhes o resultado de meses de trabalho: as 20 fotos impressas, cada uma em tamanho A3 (anexo 14). Eles nem puderam acreditar que eram eles próprios que estavam ali. Todos ficaram orgulhosos e maravilhados com a semelhança entre eles e os povos com os quais estavam representando. A aluna Maria Heloiza que antes tinha exposto que não se sentia segura em ser fotografada para uma exposição, por não se achar bonita e temer a reação dos colegas da escola, se surpreendeu com os elogios recebidos por sua beleza e expressividade captada na foto (anexo 15)

RESULTADOS: A culminância do projeto aconteceu no dia 10 de setembro na

biblioteca municipal Alcides Carneiro situada na cidade vizinha de Pedras de Fogo, uma vez que em nossa cidade não dispúnhamos de um espaço adequado para abrigar a exposição. Para a realização da mostra fotográfica foi necessário um trabalho em conjunto. Reunimo-nos e dividimos as equipes que ficaram responsáveis pela:

- Divulgação do evento: os quais deveriam sair às ruas para fazer a panfletagem nas cidades;
- Arrumação: os responsáveis deveriam arrumar o local da exposição (anexo 16);
- Ornamentação: responsável pelo layout das fotos no ambiente;
- Recepção: responsáveis pelo acolhimento do público (anexo 17);
- Explicação: juntamente com o professor explicariam o projeto para os visitantes (anexo 18).
- Apoio geral: formada pelos auxiliares de serviços encarregados pela limpeza e organização do ambiente.

Chegado o grande dia, as portas da biblioteca foram abertas às 8:00 horas da manhã para receber os visitantes. Contamos com a presença de centenas de pessoas incluindo alunos, familiares, amigos e escolas de cidades da região (anexo 19). Ao entrarem, os visitantes se deparavam com os nossos alunos junto de suas respectivas fotos (anexo 20) e recebiam informações detalhadas a respeito daquela etnia. Além disso, havia um cartaz com o mapa mundi indicando a exata localização geográfica do país, fotos de seus moradores locais e um texto de fácil compreensão, didaticamente pensado para as escolas de ensino fundamental. Os visitantes também tiveram oportunidade de assistirem o vídeo completo (o vídeo encontra-se no CD em anexo). Na exposição, tivemos a grata satisfação de receber a equipe da revista educacional ACENE Para o Conhecimento que gentilmente atendeu o nosso convite para cobrir o evento. Os alunos ficaram empolgadíssimos com a notícia de que seriam matéria dessa revista na próxima edição. O fotógrafo da ACENE registrou todo o evento e tirou foto de cada aluno (anexo 21), as quais serão utilizadas pela escola para no próximo ano serem lançadas num calendário como forma de valorizar ainda mais o trabalho dos alunos. No decorrer de todo o processo pedagógico pretendi avaliar de maneira dinâmica a participação, empenho e entrosamento entre todos os envolvidos no projeto. O principal foco foi observar a mudança de pensamento e sua postura crítica e mais aberta no que concerne à aceitação, valorização e respeito às diferenças. O projeto Eu Sou Uma Obra de Arte continuará, pois sua proposta reflete os ideais do PPP da escola, uma vez que buscou promover a inclusão, a valorização e a autoestima dos educandos sem falar na inserção da comunidade escolar que teve participação ativa e nos apoiou todo tempo.

CONCLUSÕES: O projeto Eu sou uma obra de arte: Etnias do Mundo foi muito além do que esperávamos. Poder observar o aumento da autoestima dos alunos que estavam à margem dos padrões de beleza, se sentirem valorizados e tendo orgulho de suas raízes ético-raciais, foi o meu maior presente (anexo 22). Receber dos pais desses alunos o relato de que seus filhos se sentiram mais confiantes e felizes quanto a sua cor e aparência foi muito gratificante. Os diários de classe, também comprovaram uma melhoria considerável no que diz respeito à frequência desses educandos. Enfim, são muitos pontos positivos que o projeto trouxe para a nossa escola, tanto é que ele já faz

parte do calendário letivo, trazendo um novo olhar sobre o currículo monocultural até hoje divulgado. Assim, a escola mostra aos alunos que existem outras culturas promovendo o diálogo entre elas e levando-os a reconhecer o pluralismo cultural brasileiro. Acredito que o projeto apesar do sucesso que foi, ainda pode ser melhorado, pois inserir ainda mais alunos nesse processo criativo, é uma de nossas metas. Além disso, pretendemos trazer cada vez mais os pais à escola com esses projetos fotográficos, visto que a fotografia é um meio de resgatar a união familiar, uma vez que eterniza o momento. E esse, será o nosso próximo desafio, fotografar o educando inserido no seio familiar estimulando ainda mais a presença da família na escola.